



Veículo: Diário do Pará		
Data: 07/10/2016	Caderno: Você	Página: 01
Assunto: Auto do Círio		
Tipo: Notícia	Ação: Espontânea	Classificação: Positiva

Mais brilho, por favor

Performances de drag queens ajudam a desvelar o preconceito com alegria

Dominik Giusti



dominik.giusti@diariodopara.com.br

“Você sabe que eu já paguei minhas contas vestindo de mulher?”, pergunta o maquiador Ricardo dos Anjos, apresentador do programa “SOS Salvem o Salão” (GNT), para quem ser drag queen está além da vontade de se travestir para ter uma aparência feminina. Para ele, há uma potência política na arte de performar.

Faz muito sentido com o espetáculo a que Belém assiste a mais de trinta anos na Praça da República, a Festa da Chiquita, e que Ricardo conhecerá de perto este ano. Um dos maquiadores requisitados do momento, ele veio a Belém para ministrar um workshop especial para a comunidade LGBT que participa da maior festa profana na agenda do Círio de Nazaré, na noite de sábado, numa parceria entre a organização do evento e a M.A.C. Cosmetics.

“Não tem a ver com vontade de ser mulher ou não. É

uma maneira de ser político com seu desejo e sua escolha, aceitar e se fazer aceito, mostrar para quem está próximo que não está se marginalizando, é a liberdade do novo milênio. Vem com boa educação e informação. Porque a pessoa que não tem informação e não é educada o suficiente não consegue absorver a potência desse universo. Porque você pintar a sua cara e sair de casa disposto a fazer alguém sorrir é mais difícil do que sair de casa para botar um prato de comida numa calçada. É você dando o seu interior, externando o seu âmago para de repente levar alegria para algum lugar”, diz o maquiador.

É a 38ª edição do evento profano, que realiza concurso de performistas e shows musicais, após a passagem da Berlinda de Nossa Senhora de Nazaré na Trasladação. “É um movimento tão bonito, tão forte, e tão perseverante, não é uma coisa de agora e já ouvi falar e vocês sabem melhor que eu que no início não era tão fácil assim. Acho isso de extrema importância essa força, acreditar num propósito e levar à frente”, elogia Ricardo.

Com o tema “Livres e Iguais”, a Festa da Chiquita chega este ano à sua 38ª edição, feita com parcos apoios e algum recurso financeiro. De acordo com o cantor Eloi Iglesias, organizador do evento, a única atração musical confirmada é o grupo de carimbó Borboletas do Mar, de Marapanim, que se apresenta na festa desde a 1ª edição. Mas diz que aguarda a participação de outros artistas para animar a festa. “Na verdade a gente nunca sabe, mas todos os anos a gente realiza. O movimento LGBT saiu dos guetos e sabemos que hoje a Chiquita é um movimento cultural. Depois que a Santa passa, só a Santa Chiquita na praça, nosso território para se discutir sobre liberdade com as pessoas revolucionárias”, diz. Os prêmios destinados às pessoas que contribuem para as causas da comunidade LGBT continuam: serão anunciados os troféus Veado de Ouro, Rainha do Círio,

Walter Bandeira, Mário Faustino, Botina de Prata e Amigos da Chiquita e Cidadania LGBT. Também será realizado o arrastão “Jiboia no Tucupi”, após a 1h30 da madrugada, rumo à boate Urbano, no bairro do Reduto. O kit para ingresso na boate inclui sacola, camisa e pulseira de acesso (à venda na Rua Ó de Almeida, 1110, entre Rui Barbosa e Benjamim – bairro do Reduto). No local, também será realizado o primeiro grito de carnaval “Caxarana do Fofó”. Quem quiser informações pode ligar para 99230-4724.

Chiquita terá carimbó e possíveis surpresas



Um jeito de falar dos problemas

A arte de performar e se caracterizar como drag queen, para a jornalista e mestranda em antropologia Monique Malcher, trouxe um amadurecimento. “Me impulsionou a refletir sobre as coisas que eu queria falar e me deu força para isso. No trabalho de escritora, sempre alimentei a solidão e a performance chegou como complemento para estar na rua”, diz.

Ela diz que se travestir exige coragem e criou a drag Cílios de Nazaré, uma homenagem a Nossa Senhora de Nazaré. “Não é uma piada, é um ato para questionar a exclusão do público LGBT. Temos fé e nosso close também faz parte dessa manifestação. Por isso sempre digo que Cílios surge da pedraria da santa e também dessa força feminina que arrasta uma multidão”, justifica.

O estudante universitário Gabriel Antunes, que como drag queen assume o nome Sarita de Gzuis, também defende a performance como instrumento de debate social. “Acredito que é uma maneira de provocar reflexões sobre papel social do gênero, sobre machismo. A virilidade masculina que é desconstruída e hoje descubro que vai além de questões de gênero, envolve a luta das travestis, num país perigoso para homossexuais”, diz.

